TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

A midiosfera disruptiva: ambiente e comunicabilidade sociotécnica[1]

The disruptive mediasphere: environment and socio technical communicability

Ada C. Machado Silveira[2]

Resumo: As tensões hegemônicas resguardam um papel para a Amazônia e outros biomas brasileiros desafiantes das formulações teórico-metodológicas que estruturam a compreensão dos processos incidentes no Sul Global. O amplo processo de conversão da matéria comunicativa em fluxos informacionais e interacionais contempla uma dada compreensão da comunicação sociotécnica aqui denominada midiosfera. Entendo que o contexto brasileiro responde pela formação de três midiosferas (corporativa, alternativa e disruptiva) e realizo a proposição de seu alinhamento com as correntes ambientalistas.
Palavras-chave: mídia; comunicação; ambientalismo.

Abstract: Hegemonic tensions preserve a role for the Amazon and other Brazilian biomes that challenge the theoretical-methodological formulations that structure the understanding of the processes occurring in the Global South. The broad process of converting communicative matter into informational and interactional flows contemplates a given understanding of socio-technical communication here called mediasphere. I understand that the Brazilian context accounts for the formation of three mediaspheres (corporate, alternative, and disruptive) and I propose this alignment with environmentalist currents.

[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 5 — Ambientalismo: entre disputas discursivas e as promessas tecnológicas".
[2] Professora titular do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e colaboradora do Mestrado profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa. Pesquisadora do CNPq.

Keywords: media; communication; environmentalism.

1. Introdução

O presente texto registra um trajeto investigativo iniciado durante minha estadia como pesquisadora visitante sênior no Departamento de Comunicação e Mídia da Universidade Sodertorn, na Suécia, durante 2022-2023. A partir da vivência de dez meses com financiamento do programa CAPES-STINT, amadureci aspectos de minha percepção do Brasil como integrante do chamado Sul Global. Tive oportunidade naquele período de apresentar durante um de seus *Higher Seminars* o trabalho intitulado "*Mediatization and Paradiplomacy in the Stunning Amazon*".[3] Ele redundou parcialmente na publicação de um artigo (Silveira *et al.*, 2023) e, principalmente, na percepção do impacto que nossa realidade possui no contexto mundial a partir da importância que a Amazônia representa para o debate ambientalista.

O período de desempenho na universidade sueca proporcionou-me condições para desenvolver uma reflexão sobre o lugar da experiência comunicacional midiática do Brasil frente à perspectiva do norte da Europa. O processo culminou com a proposição e aprovação de um projeto de pesquisa detido numa questão que considero relevante e está relacionada à transformação da atividade noticiosa diante da crise comunicacional da mediação jornalística e suas implicações na disputa noticiosa.[4]

Enfatizo, inicialmente, o entendimento de que as tensões hegemônicas resguardam um papel para a Amazônia e outros biomas brasileiros que desafiam as formulações teórico-metodológicas estruturantes da compreensão dos processos de midiatização incidentes no Sul Global (2024). Tomada como amplo processo de conversão da matéria noticiosa em fluxos informacionais e interacionais, a midiatização contempla uma dada compreensão da comunicação sócio técnica que é aqui denominada

[3] Meu projeto intitulou-se "Midiatização, plataformas e cobertura noticiosa no mundo multipolar: a mídia como agente securitizador", financiado pelo Programa CAPES-STINT 0862/2020, processo n.88881.465493/2019-0.
[4] O projeto PQ financiado pelo CNPq na chamada 09/2023 intitula-se "A guerra de mundos. Midiosfera e nova ordem da noticiabilidade no Brasil", processo n. 307237/2023-0.

midiosfera. Ela atua como operador epistemológico e metodológico da comunicação possível.

Em minha reflexão sobre as condições sócio técnicas e sócio simbólicas estabelecidas no horizonte comunicacional-midiático do presente, compreendo que o contexto brasileiro responde pela formação de três midiosferas, denominadas, consoante a sua aparição histórica, de midiosfera corporativa, midiosfera alternativa e, mais recentemente, midiosfera disruptiva.

Entendo que a midiosfera corporativa atuou na instauração da produção e consumo de processos discursivos e que logrou estabelecer-se hegemonicamente naquilo que, em termos foucaultianos, denomina-se regime de verdade articulador de posições de sujeito. Ela esteve historicamente questionada pela midiosfera alternativa. O duelo, no entanto, foi superado face ao protagonismo de um terceiro operador, uma midiosfera disruptiva das duas anteriores. As midiosferas alternativa e disruptiva incorporam diferentes perspectivas para lidar com as alteridades de enunciados críticos ao capitalismo.

Sintetizo no presente texto o exercício inicial de alinhamento das três midiosferas com as correntes ambientalistas. É sabido que o debate ambientalista no Brasil conta com expressiva motivação em diversos campos do saber. Assim, recorro à sistematização enquadrada no Antropoceno (Prates, 2020), no propósito de abreviar a tarefa de abarcar as nuances pertinentes a suas tendências no Brasil.

A atenção dada à midioesfera disruptiva, baseia-se em estruturas não regulamentadas na legislação nacional e, portanto, não sujeitar-se a acordos internacionais franqueou a essa midioesfera emergente tornar-se disseminadora das já referidas práticas de discurso de ódio e desinformação.

Esta perspectiva faz recordar a multivocalidade do texto, enfatizada em Lotman (Ramos *et al,* 2007, p.29), a qual se encontra desafiada em suas funções comunicativa, geradora de sentidos e mnemônica na atual contingência proporcionada pelo domínio das plataformas digitais.

Se na semiosfera “não se dispõe de clareza sobre o modo como os signos atuam na cultura” (Machado, 2007, p.16), ao propor a noção de midiosfera igualmente persiste a incerteza. Uma certeza, no entanto, já se afirma. A ideia precursora de semiosfera

cunhada “para iluminar processos emergentes” (Machado, 2007, p.18) avança aqui para fundamentar a noção de midiosfera. Ao conceder ênfase na dimensão sócio técnica dos processos comunicacionais, abandonando a centralidade da linguagem verbal, a noção de midiosfera consagra-se como aquilo que, na proposição da semiosfera fora concebido como “sistema modalizante secundário”.

As distinções entre as midiosferas possibilitam configurar as respectivas características que lhes moldam. Elas possuem competência funcional e estrutural ao delimitar os mecanismos por meios dos quais operam. Assim, em conformidade ao uso que o historiador Castro Rocha (2021) faz do termo, ao entender que sua instauração possibilita a dissonância cognitiva, instância operativa e psicológica de um laboratório de realidade paralela e a denomina midiosfera bolsonarista, ainda que ele não a tenha definido (Dalmolin, 2024).

Entendo que a influência das proposições da Teoria Midialógica facultou a tradução do termo francês também como midiasfera, tanto quanto o de midiosfera, em que pese a teoria de base haver sido traduzida como “midiológica”, e não “midialógica”, conforme seria adequado para compatibilizá-las como sendo de mesma fonte teórica (Ferrara, 2020). Em que pese a divergência, não tomarei em consideração para as finalidades do presente texto as implicações na adoção de uma outra denominação, posto que percebo haver consequências sem importância para as finalidades da reflexão aqui conduzida.

Entendo que uma definição pertinente ao percurso ali esboçado permite tomar a midiosfera como dinâmica própria de acoplamentos estruturais de características comunicacionais-midiáticas distintas. A midiosfera remete, desta forma, à compressão de circuitos comunicativos por força do acoplamento estrutural das mídias. Entendo, assim, uma maneira de abordar o que muitos denominam de midiatização e estudar o profundo impacto sócio técnico da e na comunicação. A tal impacto corresponde uma transição na ordem da noticiabilidade integrada na estrutura do sistema de mídia. Decorrendo de tal percurso, denomino a esses sistemas de acoplamento estrutural de esfera semiótica midiatizada, ou midiosfera. A conversão da matéria comunicativa em fluxos informacionais e interacionais contempla uma dada compreensão da comunicação sócio técnica.

Compatibilizar a sistematização operada por Prates (2020, p.39ss.), em seu esforço de desenhar um mapa ideológico do Antropoceno e, especificamente, do campo ambientalista encaminham a breves aspectos da investigação que desenvolvi e que estarão melhor explicadas em texto a ser publicado no futuro.

Entendo que a midiosfera corporativa, como máquina semiótica de reprodução do capitalismo, ocuparia-se do discurso do desenvolvimento sustentável na perspectiva do ambientalismo reformista, da economia verde. A midiosfera alternativa, desenvolvendo pragmaticamente o compartilhamento de discursos políticos dos governos do Partido dos Trabalhadores e dos que lhe são críticos, encarnaria aspectos dos apelos do ambientalismo radical, embasado em tradições emancipatórias. Já o ambientalismo profundo, de matiz mítico-religiosa, teria sido incorporado fragmentariamente pela midiosfera disruptiva, a qual renova o ímpeto ameaçador da visada comunicacional colonial.

A desinformação e o discurso de ódio têm sido uma preocupação crescente e o título aqui adotado, “A midiosfera disruptiva: ambiente e comunicabilidade sociotécnica”, sugere atentar para a importância da compreensão e enfrentamento das práticas perniciosas que afetam a noticiabilidade estabelecida, causando impactos na sociedade e na democracia. Ao invocar a expressão "nova ordem da noticiabilidade”, remeto à atual ecologia midiática brasileira, a qual passou por mudanças significativas, especialmente devido à crescente influência das plataformas digitais e novas formas de produção, circulação e consumo de notícias. Ela implica em diferentes critérios e lógicas para a seleção e circulação noticiosa.

Um amplo processo de conversão da matéria comunicativa em fluxos informacionais e interacionais contempla uma dada compreensão da comunicação sociotécnica. E minha compreensão da midiosfera disruptiva considera aqui o que nós brasileiros entendemos como "defesa da Amazônia" frente às tensões hegemônicas. Nossas análises sobre a mídia de referência, integrante da midiosfera institucional, consideram a noticiabilidade desenvolvida por grupos de mídia, jornais, revistas e TV aberta como sustentando uma posição que favorece a perspectiva do mercado.

O desenvolvimento da abordagem da midiosfera disruptiva para compreensão de suas relações com o campo ambientalista considera aqui especialmente o que nós brasileiros entendemos como "defesa da Amazônia”. O lema remete a um apelo populista

que ecoa indefinidamente. E, face às tensões hegemônicas, aponta-se como plausível e pertinente ponderar sobre uma epistemologia do Sul, configurando nossa particular inserção no Sul Global. Ela traz o compromisso de desvendar a novidade que a natureza exuberante representa para a subsistência humana. A perspectiva da exuberância tropical possui no imaginário colonial um valor que se expressa em padrão pertinente a nossas manifestações estéticas, mas que se oculta na ação de rapinagem de nossas riquezas naturais. O extrativismo mineral e vegetal, especialmente, auferem recursos econômicos pouco auditados socialmente e sua exploração não conta com uma agenda noticiosa comparável a outros parâmetros da vida social e politica. A exportação de minérios costuma ser notícia quando se detectam atividades irregulares. Ou quando as atividades regulares produzem desastres sócio ambientais de vulto.

Tal perspectiva requer enfrentar a posição dedicada à natureza como significante vazio, visto que ela ainda tem ganhado conotações negativas. Ao estudar os desastres ambientais, surgem o que denominamos imagens telúricas, como no caso de Mariana, no estado brasileiro de Minas Gerais (Orellana e Machado Silveira, 2017). Quando nos detivemos nos aspectos míticos da cobertura jornalística da destruição ocorrida na noite de 5 de novembro de 2015 no distrito de Bento Rodrigues, percebemos como se proporcionou a atualização de registros visuais da tragédia humana e ambiental no percurso de circulação do discurso midiático. O que hoje denominamos de midiosfera institucional veio a articular-se por esquemas tipificadores e redutores. Sua imediata avaliação de um fenômeno social complexo que se instaura num contexto ambiental determinado aliou-se, em certa medida, aos mitemas telúricos que fundam a identidade nacional. Abordamos questões de morte e destruição de vidas no Rio Doce, o que nos permitiu observar como o imaginário mítico heróico se torna um importante vetor no qual o discurso jornalístico propõe suas narrativas e imaginários relacionados ao universo feminino, os quais persistem em evocações pejorativas. A lama e a descarga tóxica despontam como protagonistas da noticiabilidade e procedem à atualização do imaginário colonial do Ocidente.

Anos depois, posso observar que o colapso socioambiental no sul do Brasil, ocorrido a partir de 30 de abril de 2024, proporcionaria também a aparição de imagens abissais. Rios desbordantes, matas devastadas, aglomerações urbanas destruídas,

populações desalojadas, lavouras arrasadas, animais suspensos em árvores, um sem fim de ocorrências inéditas que catapultou a normalidade na quase totalidade dos municípios gaúchos. Despontou a localização, em sobrevoo de cobertura noticiosa, de um cavalo imobilizado sobre um telhado em meio à enchente que o rodeava por todos os lados. Novamente um mitema da identidade cultural arregimentou um sentido que proporcionou a circulação da imagem pelo mundo (Silveira e Fanfa, 2024). O cavalo evoca a presença masculina no imaginário do Sul do Brasil. Foram, no entanto, as práticas de desinformação que chamaram a atenção dos pesquisadores (Hunty, 2024).

Tomo a construção de um adversário discursivo por num meio digital e impresso da Província de *Misiones,* localizada ao norte da Argentina e vizinha ao sul do Brasil (Preiti, 2021), trouxe problemas análogos aos que enfrentamos. A análise de um corpus jornalístico do período 2010-2015 permitiu estudar os discursos ambientais e as práticas de conservação da natureza, tanto estatais como não governamentais. O funcionamento discursivo permite reconhecer um universo de crenças pressupostas face às quais se desenvolve o perfil antagónico de um ator social. Preiti (2021) aponta o surgimento de um contra destinatário de quem se "fala", qualificado e valorizado pela opinião pública: o caçador. A possibilidade de pensar a ecologia, a conservação da natureza e os processos de governação do Estado (como a função midiática de depositar uma imagem pejorativa sobre o caçador) à luz do que qualifica como hiper objetos e ainda a natureza tomada como um significante vazio constitui uma possibilidade de renovação das discussões sobre as políticas públicas e as violências nelas inscritas.

Trata-se de um universo que Verón (1987) denominaria de "mundo de crenças partilhadas" e, no qual, as midiosferas desempenhariam sua atividade noticiosa com base na comunidade auto reconhecida. Pois situa-se neste contexto a recorrente alusão aos fenômenos climáticos de *El Niño* e de *La Niña,* em alusão ao cíclico efeito do aquecimento/resfriamento das águas do Oceano Pacifico.

Pois bem, a figura do caçador está naturalizada na midiosfera disruptiva, e, mais que isto, normalizada jurídica e politicamente. Observar a natureza com os olhos do caçador-colonizador dos primórdios da colonização das Américas tornou-se o paradigma afetivo da midiosfera disruptiva e seu impacto está marcado nos desafios apostos pelos riscos climáticos que enfrentamos na atualidade. A midiosfera disruptiva renova o ímpeto

ameaçador da visada comunicacional e inaugura a midiatização profunda, sustentada no tempo e superficial no sentido. Ela é responsável por uma percepção midiatizada do espaço natural e das relações humanas com o ambiente, permeadas pela relação comunicativa homem-máquina.

Referências

DALMOLIN, A. R. The circulation of disinformation on platforms in Brazil. *In:* BOLIN, G.; FERREIRA, J.; LÖFGREN, I.; SILVEIRA, A. M. *Empirical, Epistemological and Methodological Aspects of Mediatisation*. Huddinge, Sweden: Södertörn University, 2024. p.113-124.

FERRARA, L. D. As diferenças das midialogias da comunicação. *MATRIZes,* v. 14, n.1, 2020. p. 23-40. https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p23-40.

HUNTY, Rita von. PROJETO DE M0RT3: SOS Rio Grande do Sul. Youtube, 6 de junho de 2024.

KIELING, A. S. Apontamentos para uma visão mais complexa da digitalização das mídias. *Políticas Culturais em Revista*, v.2, n.4, p. 15-31, 2011.

MACHADO, I. Apresentação. *In:* MACHADO, I. (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 13-24.

ORELLANA, C.; SILVEIRA, A. C. M. Imaginário telúrico e imagens da tragédia de Mariana. *Anuario Estudios en Comunicación Social. Disertaciones* , v.10, p.153 -164, 2017. http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.4789

PRATES, V. *Um mapa da ideologia no antropoceno*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

PREITI, F. J. Palabras Furtivas: el cazador como adversario discursivo frente a la conservación de la naturaleza. *Revista Chilena de Semiótica,* n.15, p.77-90, 2021.

RAMOS, A. V. *et al.* Semiosfera: exploração conceitual nos estudos de Semiótica da Cultura. *In:* MACHADO, I. (Org.) *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 25-98.

ROCHA, J. C. de C. *Guerra cultural e retórica do ódio*: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SILVEIRA, A. C. M. *et al.* Midiatização e disputa de sentidos na Amazônia: identidade cultural versus securitização. *Anuario de Comunicación Social Disertaciones,* v.16, n.2, 2023. https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.12513.

SILVEIRA, A. C. M.; FANFA, M. S. Acerca do cavalo no telhado. Circulação e desinformação noticiosa. *Observatório de Jornalismo Ambiental.* Disponível em: https://jornalismoemeioambiente.com/2024/05/15/a-cerca-do-cavalo-no-telhado-circulacao-e-desinformacao-noticiosa/. Acesso em 5 julho 2024.

SUL GLOBAL. Glossário. *Revista Relações Exteriores,* 2024. Disponível em: https://relacoesexteriores.com.br/glossario/sul-global/. Acesso em 5 julho 2024.

VERÓN, E. La palabra adversativa. Observaciones sobre la enunciación política. *In:* VERÓN, E. *El discurso político.* Lenguajes y acontecimientos. Buenos Aires: Hachette Universidad, 1987. p.14-26.